

**X -
BEM-AVENTURADOS
OS MISERICORDIOSOS**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - CAPÍTULO X BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

1. Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque obterão misericórdia. (S.MATEUS, cap. V, v. 7.)

2. Se perdoardes aos homens as faltas que cometerem contra vós, também vosso Pai celestial vos perdoará os pecados; - mas, se não perdoardes aos homens quando vos tenham ofendido, vosso Pai celestial também não vos perdoará os pecados. (S. MATEUS, cap. VI, vv. 14 e 15.)

3. Se contra vós pecou vosso irmão, ide fazer-lhe sentir a falta em particular, a sós com ele; se vos atender, tereis ganho o vosso irmão. - Então, aproximando-se dele, disse-lhe Pedro: “Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão, quando houver pecado contra mim? Até sete vezes?” - Respondeu-lhe Jesus: “Não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.” (S. MATEUS, cap. XVIII, vv. 15, 21 e 22.)

4. A misericórdia é o complemento da brandura, porquanto aquele que não for misericordioso não poderá ser brando e pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor denotam alma sem elevação, nem grandeza. O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir. Uma é sempre ansiosa, de sombria suscetibilidade e cheia de fel; a outra é calma, toda mansidão e caridade.

Ai daquele que diz: nunca perdoarei. Esse, se não for condenado pelos homens, sê-lo-á por Deus. Com que direito reclamaria ele o perdão de suas próprias faltas, se não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz que cada um perdoe ao seu irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem pensamento oculto, que evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter; a segunda é a em que o ofendido, ou aquele que tal se julga, impõe ao outro condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar; se estende a mão ao ofensor, não o faz com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a toda gente: vede como sou generoso! Nessas circunstâncias, é impossível uma reconciliação sincera de parte a parte. Não, não há aí generosidade; há apenas uma forma de satisfazer ao orgulho. Em toda contenda, aquele que se mostra mais conciliador, que demonstra mais desinteresse, caridade e verdadeira grandeza da alma granjeará sempre a simpatia das pessoas imparciais.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I
MATEUS, Cap. V, v. 1-12.
- LUCAS, Cap. VI, v. 20-26

Sermão do monte

MATEUS: V. 1. Vendo a multidão, Jesus subiu a um monte, sentou-se e os discípulos o rodearam. - 2. Pôs-se então a lhes pregar, dizendo: - 3, "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. - 4. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. - 5. Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. - 6. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. - 7. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. - 8. Bem-aventurados os de coração puro, porque verão a Deus. - 9. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. - 10. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus. - 11. Bem-aventurados sereis quando vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e, mentindo, disserem de vós todo o mal por minha causa. - 12. Rejubilai então e exultai, porque grande recompensa vos está reservada nos céus; visto que assim também perseguiram os profetas, que existiram antes de vós."

LUCAS: V. 20. Jesus, dirigindo o olhar para seus discípulos, dizia: "Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o reino de Deus. -21. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados; bem-aventurados vós, que agora chorais, porque rireis. - 22. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos separarem, quando vos carregarem de injúrias, quando rejeitarem como mau o vosso nome por causa do filho do homem. - 23. Rejubilai nesse dia e exultai, que grande recompensa vos está reservada no céu, porquanto assim é que os pais deles trataram os profetas. - 24. Ai, porém, de vós, que sois ricos. pois que tendes a vossa consolação no mundo. - 25. Ai de vós, que estais saciados, pois que vireis a ter fome! Ai de vós os que rides agora, pois que gemereis e chorareis! - 26. Ai de vós quando vos louvarem os homens, porquanto é o que os pais deles faziam aos falsos profetas."

N. 75. A humildade, - a doçura que tem por companheiras a afabilidade e a benevolência, - a resignação nos sofrimentos físicos e morais, que são sempre uma expiação justa, porquanto derivam ou de faltas e imprudências com que o homem agrava sua provações terrenas, ou de existências anteriores, todas solidárias entre si de modo que cada um traz consigo a pena secreta da sua precedente encarnação, - o amor ardente, sério, perseverante do dever por toda parte e sempre, - a tolerância

também por toda parte e sempre, a indulgência para com os fracos e para com as faltas de outrem, a simpatia viva e delicada pelos sofrimentos e dores, físicos e morais, de seus irmãos, - o perdão, do íntimo d'alma, para as injúrias e ofensas, - o esquecimento, mas de maneira tal que o passado fique morto tanto no coração, como no pensamento, - a caridade e o amor, - a pureza de coração, que exclui não só todas as palavras e ações más, como ainda todos os maus pensamentos, e que só existe quando há abstenção de tudo que é mal, de par com a prática ativa e abnegada de tudo que é bem, assim na ordem física, como na ordem moral e na intelectual, - a moderação, a brandura, - a paciência, a obediência, - a resignação, - a fé, - a firmeza e a perseverança na fé e na prática da justiça, quaisquer que sejam as injúrias, as perseguições físicas e morais que venham dos homens, - o desinteresse, - a renúncia às coisas materiais, como determinantes do orgulho e do egoísmo, dos apetites materiais; das paixões e dos vícios que degradam a humanidade, - a aspiração da felicidade celeste, - o reconhecimento ao Criador que reserva grande recompensa aos que cumprirem esses deveres e praticarem essas virtudes, - eis o que encerram aquelas palavras do Cristo. Estudai-as, pois, e ponde-as em prática. Não vos fieis na felicidade terrena, não descanséis nas vossas riquezas, na vossa inteligência. Confiai unicamente no vosso Deus, de quem recebeis todas as coisas.

Que aquele que possui riquezas faça como se fora pobre, as reparta com seus irmãos e viva humildemente; que aquele que tem inteligência faça como a criancinha que espera ser guiada pela mãe, mas que ao mesmo tempo a partilhe com seus irmãos, dando-lhes conselhos salutareis e brandos, tirados sobretudo do exemplo; que aquele que está saciado pense nos que têm fome e dívida com eles o pão material que sustenta o corpo e o pão espiritual que alimenta a alma; que aquele que se acha alegre faça como se estivesse triste e associe à sua alegria o irmão que chora, prodigalizando-lhe consolações e tomando parte nas suas dores.

Aquelas palavras se resumem nisto: prática do trabalho, do amor e da caridade, tanto na ordem física ou material, como na ordem moral e intelectual.

Os pobres de espírito são os que só confiam no Senhor e não em si mesmos; são os que, reconhecendo dever tudo ao Criador, reconhecem que nada possuem. Despidos de orgulho, são como o pobre despojado dos bens mundanos. Podem caminhar mais livremente, pois não temem os ladrões que durante a noite assaltam a casa do rico. Apresentam-se nus diante do Senhor, isto é, sem se terem apropriado de coisa alguma, cônscios de que tudo devem à bondade do pai celestial. A humildade lhes aplaina o caminho a percorrer afastando os obstáculos que o orgulho faz surgir de todos os lados.

Tende o coração simples, oh! bem-amados, e humilde o espírito, porquanto a humildade, que é o princípio e a fonte de todas as virtudes, de todos os progressos, abre ao homem a estrada que leva à luz e às moradas felizes, ao passo que o orgulho conduz às trevas e à expiação, ao exílio em mundos inferiores.

Estas palavras de Jesus:

"Bem-aventurados sereis quando os homens vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e, mentindo, disserem de vós todo o mal par minha causa; - bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos separarem, vos carregarem de injúrias, quando rejeitarem como maus os vosso, nomes por causa do filho do homem."

se aplicavam, como quase todas as que lhe saíram dos lábios, tanto ao presente, ao momento em que ele as dirigia aos discípulos, quanto aos tempos futuros.

Eram e são dirigidas a todos os que pela sua fé em Deus se tornaram alvo de quaisquer perseguições, físicas ou morais; aos que, perseguidos pelas suas crenças, sofrem pela sua fé e triunfam das provações por mais rudes que sejam. Efetivamente, enquanto o vosso mundo se não houver purificado, haverá homens perseguidos por causa da verdade. Os que triunfarem poderão considerar-se bem-aventurados, pois, sobretudo hoje, a defecção é fácil. Os que perseverarem até ao fim receberão grande recompensa.

Espíritas, armai-vos, portanto, de toda a vossa energia. Para o homem, a arma mais perigosa é o ridículo. É a que ele mais teme; é presentemente a que tendes de rebater. Dolorosas são as feridas que ocasiona. Mantende-vos, pois, em guarda e preparai de antemão o único bálsamo que as pode curar: - a fé.

Que a vossa fé vos sustente. Ela vos tornará surdos aos sarcasmos e vos fará achar doçura nos pérfidos processos que contra vós intentarem. A fé constitui a vossa égide; abrigai-vos nela e caminhai desassombadamente. Contra esse escudo virão embotar-se todos os dardos que vos lancem a inveja e a calúnia. Sede sempre dignos e caridosos no vosso proceder, no vosso falar, nos vossos ensinamentos, dando o exemplo do que pregais, e nós vos ampararemos.

Compreendi igualmente bem estas outras palavras de Jesus: "Mas, ai de vós, ricos, que tendes a vossa consolação no mundo!"

A maldição assim lançada pelo meigo e justo pastor não se aplica senão aos que, tudo sacrificando a posse dos bens terrenos, deleitando-se e confiando unicamente no que é material, rejeitam as verdades que se lhes ensinam, repelem seus guias protetores, repelem seus irmãos e se entregam aos maus Espíritos, que deles se apossam.

Jesus disse: - Ai! deles, porque terão que sofrer para resgatar suas faltas passadas e o remorso lhes será tanto mais cruel quanto mais voluntário tenha sido o endurecimento.

Ai! de vós que agora rides, disse também o Suave Mestre, pois que gemereis e chorareis.

Sim, os que riem das verdades lamentarão um dia o tê-las negado. Tudo vem a seu tempo. Deixai que ainda riem à vossa custa. Dia virá em que, arrependidos, os que agora riem pedirão para voltar ao meio de vós como apóstolos da verdadeira fé, da fé espírita, e não mais rirão.

Não vos agasteis, pois, com os risos; antes chorai pelos que zombam de vós,

por isso que bem grandes serão suas penas!

Ai! de vós, disse ainda Jesus, quando os homens vos louvarem, porquanto é o que os pais deles faziam aos falsos profetas.

Quando essas palavras eram dirigidas aos discípulos, os falsos profetas tinham sido, eram e, dado o estado de inferioridade moral em que ainda se encontra a Terra, são neste momento aqueles que, impelidos por maus instintos, por más paixões, oriundas, seja do orgulho, do egoísmo, do interesse material, da cupidez, seja da intolerância ou do fanatismo, trabalham por inculcar suas idéias nas almas simples e confiantes. São aqueles que, conhecendo a verdade, a ocultam do povo, a fim de o terem preso e submisso. São os que, compenetrados da verdade, recusam submeter-se a ela por orgulho e pregam o erro, conscientes do que fazem, mas receosos do "que dirão". "Ai! deles!"

Ai! de vós, quem quer que sejais, quando os que escutam as vozes desses falsos profetas e os bendizem, caminhando-lhes nas pegadas, vos louvarem e disserem bem de vós, porque então sereis atraídos pelos seus elogios e a vossa defecção já se deu ou está para dar-se, arrastando-vos para os caminhos do erro e da mentira voluntários, da hipocrisia e da perversão moral.

MATEUS, Cap. VI, v. 5-15.

- LUCAS, Cap. XI, v. 1-4

Prece - O Pai Nosso

MATEUS: V.5. Do mesmo modo, quando orardes, não façais como os hipócritas que gostam de orar de pé nas sinagogas e nos cantos das praças públicas para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. 6. Quando quiserdes orar, entrai para o vosso aposento e, fechada a porta, orai a vosso pai em segredo; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará. - 7. Quando orardes, não faleis muito como fazem os gentios, imaginando que serão escutados por muito falarem. 8. Não vos assemelheis a eles, porquanto vosso Pai sabe do que precisais antes de lho pedirdes. - 9. Orai assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; - 10, venha a nós o teu reino; - faça-se a tua vontade, tanto na terra como no céu; -11. dá-nos hoje o nosso pão que está acima de qualquer substância; - 12, perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos nossos devedores; - 13, e não nos abandones à tentação; mas, livra-nos do mal, assim seja. 14. Porque, se perdoardes aos homens as faltas que cometam contra vós, também o Pai celestial perdoará as vossas. - 15. Se, porém, não perdoardes aos homens, vosso Pai não vos perdoará os pecados.

LUCAS: V. 1. E sucedeu que, tendo estado a orar em certo lugar, quando acabou, um de seus discípulos lhe disse: Senhor, ensina-nos a orar, assim como João ensinou a seus discípulos. - 2. Disse-lhes ele então: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome, que o teu reino venha; - 3, dá-nos hoje o pão de cada dia - 4, perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos devem e não nos deixes entregues à tentação.

N. 91. As explicações quanto à prece são idênticas como deve ser às que demos sobre a esmola: nada nunca façais *tendo em vista* obter a aprovação dos homens; tudo fazei *procurando* unicamente render ao Senhor as homenagens que lhe são devidas e que consistem simplesmente na observância *sincera e desinteressada* das leis do amor e da caridade, que ele vos impôs.

Prescrevendo o *segredo*, o silêncio e o recolhimento para a prece como para a esmola, proibindo a multiplicação das palavras, Jesus proscrevia, de então e de futuro, as pompas e as cerimônias exteriores e as orações longas, pronunciadas pelos lábios, mas não saídas do coração.

Repitamos juntos, oh! bem-amados, a prece que o Mestre formulou para os homens, a fim de vos fazermos compreender, *em espírito*, o sentido e o alcance que ela tem.

Pai nosso: - nosso Criador, de quem todos provimos; - *que estás nos céus*: - que estás tão acima de todas as criaturas humanas, tão elevado, que tens por morada o

infinito, dentro do qual não te podem descobrir os nossos olhos impuros.

Santificado seja o teu nome: - que cada uma das tuas criaturas te bendiga o nome; - que, por seus atos e pensamentos, todas demonstrem até que ponto honram a poderosa fonte donde provieram; - que em seus corações nada exista capaz de ofender aquele que é a pureza absoluta.

Venha o teu reino: - que todos os homens se submetam à tua lei; - que todos conheçam e abençoem o manancial donde tiraram a existência.

A tua vontade seja feita assim na terra como no céu: - que todos os homens, submissos às leis imutáveis que lhes impuseste, as pratiquem com amor, com reconhecimento, tendo por escopo honrar-te e glorificar-te, do mesmo modo que os Espíritos bem-aventurados se submetem às tuas vontades sublimes, felizes por serem delas humildes instrumentos e executores.

Dá-nos hoje o pão de cada dia, pão que está acima de qualquer substância: - concede-nos, Senhor, cada dia, os alimentos necessários à existência material que nos deste; - que esses alimentos não nos proporcionem mais do que o sustento preciso, sem contribuírem de maneira alguma para alentar os nossos apetites grosseiros; - faze, Senhor, que, sustentados por esse alimento passageiro, possamos implorar eficazmente e receber o pão de vida, único que nos levará aos pés da tua eternidade.

Perdoa as nossas dívidas como perdoamos aos nossos devedores: - que a tua bondade se estenda por sobre nós, criaturas ínfimas, sempre rebeladas contra as tuas sublimes vontades; - perdoa-nos a nós que tantas vezes temos falido e falimos a cada segundo da nossa vida; - que a tua misericórdia se derrame sobre nós, Senhor. Mas, como o amor e o perdão são lei na nossa existência, se deixarmos de a praticar, que a tua justiça se exerça sobre nós, pois nos disseste, pela boca do teu celeste enviado, nosso Mestre, governador e protetor do nosso planeta: “*Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; abençoai os que vos amaldiçoam*”. É atendendo nestas palavras que te pedimos, pai de justiça, uses de represálias conosco e nos perdoes se também perdoarmos aos nossos irmãos suas faltas.

E não nos deixeis entregues à tentação: - dá-nos, bom Deus, força para resistirmos aos maus instintos da nossa natureza tão má; - fortalece-nos a coragem, revigora-nos as energias tantas vezes abatidas; - que o teu pensamento erga permanente e intransponível barreira entre o pecado que tanto te desagrade e os teus servos indignos, mas desejosos de merecerem as tuas graças, a fim de que possamos levar a cabo as nossas provações terrenas, sem fraquezas nem desfalecimentos.

Livra-nos do espírito do mal: - permite, Senhor, que, cercados pelos bons Espíritos, submissos a seus conselhos, inspirações e ensinamentos, consigamos, pela pureza dos nossos corações, afastar os maus Espíritos, que tentam incessantemente apoderar-se de nós e que tão frequentemente nos arrastam para o mau caminho; - livra-nos, Senhor, das suas perniciosas influências e concede-nos a graça de os reconduzirmos a ti, por meio dos nossos conselhos, pelo exemplo moral que colherem dos nossos atos e pensamentos e por nossas preces.

Assim seja, pois que te pertencem o reinado, o poder e a glória: - só tu, Senhor, és grande, pois que estás acima de tudo; és o único criador de tudo que se move no espaço infinito, és onipotente na imensidade, és nosso juiz supremo, nosso soberano, nosso rei bem-amado; - a ti as homenagens dos nossos corações, a ti os nossos cânticos eternos; - faze, Senhor, que bem cedo nos seja dado unir nossas vozes ás dos Espíritos bem-aventurados que celebram a tua glória, a tua grandeza e, sobretudo, a tua bondade infinita; - é este, oh! pai nosso, o voto que ousa exprimir aos teus pés o mais humilde dos teus filhos.

Meditai, amados irmãos, sobre este ensinamento que, em nome e da parte do Cristo, Espírito da Verdade, vos acabamos de dar acerca da oração dominical. Estudai com o coração tudo quanto esta sublime prece inspira ao homem para se manter no bom caminho, desenvolvendo e fortificando os verdadeiros senti-mentos do dever para com Deus, para com os seus irmãos e para consigo mesmo. Estudai com o coração tudo que ela encerra de amor, de reconhecimento e de submissão àquele que, desde toda a eternidade, foi, é e será Deus de bondade, de perfeições absolutas e infinitas. Que ele, o Deus de amor, vos abençoe.

Mateus, Marcos, Lucas e João

Assistidos pelos Apóstolos.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, *Cap. XVIII*, vv. 15-17. — LUCAS, *Cap. XVII*, vv. 3-4

Palavras de Jesus destinadas a servir de transição, relativas ao perdão e ao esquecimento das injúrias e das ofensas, os quais, segundo ele o proclamou, devem ser absolutos e sem condição

MATEUS: V. 15. Se contra ti pecou o teu irmão, vai e o repreende, mas a sós com ele. Se te atender, tê-lo-ás ganhado. — 16. Se, porém, não te atender, faze-te acompanhar de uma ou duas pessoas, a fim de que tudo seja confirmado pela autoridade de duas ou três testemunhas. — 17. Se também não as atender, comunica-o à Igreja; e, se também à Igreja ele não atender, trata-o como gentio e publicano.

LUCAS: V. 3. Tende cuidado convosco; se contra ti pecou o teu irmão, repreende-o. Se se arrepender, perdoa-lhe. — 4. Se contra ti ele pecar sete vezes no dia e sete vezes no dia te procurar para dizer: Eu me arrependo — perdoa-lhe.

N. 216. (Mateus, vv. 15, 16 e 17.) Se tiverdes de fazer a algum de vossos irmãos qualquer reproche, esforçai-vos por que ele se corrija, dizendo-lhe brandas e persuasivas palavras.

Jesus falando aos Judeus usava de uma linguagem que lhes era adequada. Jamais atacava bruscamente os hábitos desse povo rixento e rancoroso. Tal a razão por que os concitava a recorrer a testemunhas e depois ao julgamento da Igreja nos seus ajustes de contas.

Hoje, porém, o Mestre, por nosso intermédio, vos diz: Apagai a falta do vosso irmão por todos os modos possíveis; esforçai-vos para que ele se reconheça culpado, falando-lhe a sós. Se persistir, se se mostrar insensível às vossas advertências, tomai por testemunhas da sua obstinação os bons Espíritos que velam por todos. Chamai-os em vosso auxílio, para que vos reconduzam à paz e à concórdia.

Evitai tornar público o erro de vosso irmão, submetendo-o ao juízo da Igreja. Antes de tudo: tendes a certeza de estardes perfeitamente limpo da falta que, cometida pelo vosso irmão, vos ofendeu? Tendes a certeza de que jamais a provocastes ou incentivastes; de que jamais, pela vossa impaciência, pela vossa aspereza, pela vossa má-vontade, ostensiva ou oculta, fostes causa de que o vosso irmão cada vez se transviasse mais, em lugar de emendar-se?

Quando lhe falastes, porventura o fizeste com toda a doçura, com toda a delicadeza indispensáveis para que a sua suscetibilidade, o *seu orgulho*, ou mesmo a *sua vergonha* não fossem despertados? Empregastes todos os *possíveis esforços*

para que ele não corasse em face de si *mesmo*?

E, se não procedestes assim, não receais ser, a vosso turno, julgados pelos juízes que fostes procurar para julgar o vosso irmão?

Oh! bem-amados! Escutai o que vos dizemos, *a mandado daquele que deu aos homens esse ensinamento*: “Progredistes, vossos sentimentos também têm que progredir; perdoai, portanto, *com sinceridade*, a ofensa recebida, ocultando-a dos estranhos para que o vosso irmão não se vexe e eu, por minha vez, vos perdoarei do mesmo modo por que houverdes perdoado”.

N. 217. QUE SENTIDO atribuía Jesus à expressão — Igreja — que se lê no v. 17 de MATEUS?

Tendo-se em vista os tempos hebraicos e referindo-se aos Hebreus, ele, por este termo, designava os homens esclarecidos que tinham as mesmas crenças. Com relação aos tempos evangélicos e aos que se seguiram até aos vossos dias, designava uma assembléia de cristãos.

Com referência a todos os homens, indicava os esclarecidos pelas mesmas crenças.

Nesta frase desse mesmo v. 17: “e se também à Igreja ele não atender, considera-o gentio e publicano”, QUE SENTIDO se deve atribuir à expressão: gentio e publicano?

Esses termos foram usados na acepção de homem desprezível, que todos votam ao esquecimento. Eram vingativos aqueles a quem Jesus falava. Portanto, conseguir que eles esquecessem e desprezassem as injúrias, esquecendo e desprezando os que injuriavam, já representava uma conquista imensa.

N. 218. Será ao mesmo tempo cristão e espírita, no interesse de um irmão, sujeitá-lo, com o fito de fazê-lo emendar-se, à prova de ser primeiramente admoestado com brandura e em segredo; de ser depois, se resistir, censurado diante de testemunhas; e de, finalmente, se ainda não atender, ser levado à presença da Igreja, isto é, de uma assembléia de verdadeiros cristãos, de verdadeiros espíritas? Ou será preferível, uma vez que ele nada queira ouvir em segredo, deixá-lo entregue à cegueira, ao orgulho, à cobiça, ao ódio, deixá-lo fora da linha de suas provações, no estado de gentio e de publicano?

Não. Não esqueçais que cada um tem seu fardo a carregar.

Não tenteis tirar publicamente a palha do olho do vosso irmão. Se assim procederdes, em vez de o levardes a emendar-se, vos arriscais a fazer que no fundo do seu coração se gere um ressentimento, *que lhe será* muito pior do que a ofensa que contra vós haja cometido. E, nesse caso, bem deveis compreendê-lo, seríeis

responsáveis pela tempestade que fizésseis desencadear-se no seu íntimo.

Oh! não vos equivoqueis relativamente às obrigações em que vos achais uns para com os outros. Deveis estender-vos reciprocamente as mãos ; nenhum, porém, deve querer levantar o outro com violência. Sustentai-vos uns aos outros, mas não vos afronteis mutuamente. Assim, pois, evitai sempre tornar públicos os erros de vossos irmãos, para que eles não corem publicamente.

Do contrário, levá-los-eis, *antes de tudo*, a ocultá-los a si próprios, impelidos pelo instinto humano, e desse modo os fareis embrenhar-se mais a fundo pelo mau caminho.

Uma palavra branda, uma observação amistosa, feita sem testemunhas, quase sempre conseguirá mais do que todas as censuras que lhe dirigirdes, sobretudo se as formulardes publicamente.

Se a vossa tentativa se malograr, que é o que tereis perdido? Foram vãos os vossos esforços, mas não deram resultado contrário ao que desejáveis. Não sereis responsáveis por se haver o vosso irmão obstinado no mal.

Estendei-vos as mãos com brandura, amparai-vos, mas não vos erijais em juízes uns dos outros, não forceis ninguém a comparecer diante do areópago.

Mas, não há, entre os nossos contemporâneos, homens que, entregues a si mesmos, jamais voltarão para a verdade e para o bem e que, no entanto, voltariam, se se lhes aplicasse o processo indicado por Jesus aos Hebreus, segundo os vv. 15, 16, 17?

Não. Com relação a esses, o objetivo não seria alcançado. O tempo e os guias de cada um fazem a sua obra. O julgamento coletivo, esse nada obteria dessas naturezas orgulhosas e vingativas. Ao contrário: iria despertar no fundo dos seus corações uma raiva surda, que os minaria. Suas provas se tornariam mais eficazes? Não é melhor, atento o interesse comum, esperar que a persuasão os ganhe gradualmente do que a impor? Dar-se-á conhecidos tão pouco os homens que os julgueis capazes de se submeterem *sinceramente* ao modo de ver de uma maioria? Não. Os que, forçados pela voz pública, se confessam culpados, amaldiçoam de todo o coração os acusadores e os juízes que os obrigaram a corar de vergonha diante de todos. Resultará daí que as provações se lhes tornem mais proveitosas? — Indulgência, perdão, esquecimento, eis o juízo de Deus.

N.219. QUAIS O SENTIDO e o ALCANCE destas palavras de Jesus (LUCAS, vv. 3 e 4): “Tende cuidado convosco; se contra ti pecou o teu irmão, repreende-o. Se se arrepender, perdoa-lhe. Se contra ti ele pecar sete vezes no dia e sete vezes no dia te procurar para dizer: “Eu me arrependo” — perdoa-lhe”?

Não deveis jamais guardar prevenção contra um irmão vosso. Nunca, cedendo a um rancor que, em certos casos, do ponto de vista humano, pode *parecer* legítimo,

vos arrisqueis a recalcar para o fundo do coração daquele que vos ofendeu o seu sincero arrependimento. Aliás, já se não vos disse que sereis julgados como houverdes julgado, que se vos fará exatamente como houverdes feito aos outros?

Nunca olvideis que, freqüentemente, não sete vezes no dia, mas setenta vezes sete ofendeis à Majestade divina, transgredis suas leis e tentais subtrair-vos à ação destas. Usai, pois, para com os . vossos irmãos, da benevolência de que tanta necessidade tendes e dizei *com sinceridade ao Senhor*: “Perdoai as minhas ofensas, como perdô as de meus irmãos”.

N.220. Por estas palavras dos vv. 3 e 4 de LUCAS: “Se ele se arrepender”, será lícito entender-se que o ofendido, em cujo coração deve o perdão sempre estar, nada tenha que declarar ao ofensor que não se arrependa, isto é, que, no tocante à ofensa, persiste no seu orgulho e na sua cegueira?

Ninguém é obrigado a lançar em rosto ao seu ofensor um perdão com que ele pouco se importa. O que cumpre ao ofendido é tê-lo no coração, pronto a lhe dar expansão, quando o ofensor se mostre arrependido.

N. 221. Que se deve AGORA pensar e fazer destas palavras ditas aos Hebreus: “Não odeies de coração ao teu irmão, mas repreende-o publicamente, a fim de que não fiques em pecado contra ele.” (Levítico, 19, v. 17) ?

A revelação e os conselhos eram adequados à época. Na sua brandura, a lei do perdão se revestia de muita dureza, como todas as leis aplicadas ao povo hebreu. Tinha o seu lado caritativo, prescrevendo aos homens que se repreendessem publicamente pelas faltas em que perseverassem depois de admoestados em particular. Obrigando-os a se acautelarem dessa humilhação, ela os tornava mais acessíveis aos esforços dos que se empenhavam por melhorá-los. A disciplina e o temor eram mais duros do que hoje, pela razão de que se tratava de atuar sobre caracteres violentos, atrasados, orgulhosos e vingativos.

Ainda agora vos dizemos: Repreende teu irmão pelas faltas que cometa e que cheguem ao teu conhecimento, porquanto podes esclarecê-lo a respeito de um erro filho da ignorância, podes detê-lo quando ainda se ache no alto de um declive forte, pelo qual, se inconsideradamente nele se aventurar, rolará talvez até ao fundo do abismo. Mas, que teus conselhos sejam fraternos, dados em segredo e, quando possível, de modo indireto, a fim de que não o humilhes e não o impeças, o que pode suceder, de aproveitar do teu conselho, por efeito de revolta do seu orgulho. Sê, pois, cauteloso e brando, corrige os erros, acariciando; nunca o faças, empunhando o látigo.

N. 222. Como conciliar as palavras que acabais de ditar mediunicamente com as dos vv. 15, 16 e 17 de MATEUS?

Não vedes que era indispensável um laço para ligar a lei antiga à nova? Poderiam acaso os homens romper *de súbito* com suas idéias, suas crenças, seus preconceitos, suas tradições? Jesus falou aos daquela época numa linguagem que eles pudessem compreender. Era o plano inclinado por onde escorregariam para esta moral tão doce e sempre tão cheia de perdão. Confrontai o que vos acabamos de dizer e as palavras a que aludis com a parábola da mulher adúltera. Verificai, sondando os vossos corações, se, ao repreenderdes vosso irmão, não merecíeis também ser repreendidos e, neste caso, como sempre, aplicai-vos esta sentença: *“Fazei aos outros o que quiserdes que vos façam”*.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 21-35

Perdão das injúrias e ofensas. Parábola dos dez mil talentos

V. 21. Então, aproximando-se dele, Pedro lhe perguntou: Senhor, perdoarei a meu irmão todas as vezes que pecar contra mim? Fá-lo-ei até sete vezes? - 22. Respondeu Jesus: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete. - 23. Por isso o reino dos céus se assemelha a um homem rei que quis tomar contas aos seus servos. - 24. Tendo começado o ajuste, apresentou-se-lhe um que lhe devia dez mil talentos. - 25. Como não tivesse com que os pagar, ordenou seu senhor que fossem vendidos ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía, para pagamento da dívida. - 26. Aquele servo, porém, lançando-se-lhe aos pés, lhe suplicava: Senhor, tem paciência comigo e tudo te pagarei. - 27. O senhor, então, compadecido dele, o mandou embora e lhe perdoou a dívida. - 28. Dali saindo, entretanto, aquele servo encontrou um companheiro que lhe devia cem denários e, agarrando-o, lhe dizia, a sufocá-lo: Paga o que me deves. - 29. O companheiro, lançando-se-lhe aos pés, lhe rogava: Tem paciência comigo e tudo te pagarei. - 30. O outro não quis; foi-se dali e mandou metê-lo no cárcere até que pagasse o que devia. - 31. Vendo os outros servos, seus companheiros, o que se passava, ficaram muito contristados e foram contar ao senhor o que havia ocorrido. - 32. Então o senhor o chamou e lhe disse: Servo mau, eu te perdoei, porque me pediste, toda a tua dívida; - 33, não devias tu também ter compaixão do teu companheiro, como tive de tí? - 34. E, irritado, o entregou aos verdugos até que pagasse toda a sua dívida. - 35. Assim também fará convosco meu pai celestial, se cada um de vós não perdoar a seu irmão do íntimo do coração.

N. 230. Nunca leveis em conta a ofensa, ó bem-amados. Sede sempre prontos a perdoar tantas vezes quantas vos ofenderem. Seja infatigável a vossa indulgência.

Não esqueçais que o Senhor vos julgará do mesmo modo por que houverdes julgado os vossos irmãos. Saldai, pois, todas as suas dívidas, dai-lhes tempo para pagá-las, como o Senhor lhes dá.

Não esqueçais que vós, que haveis recebido ofensas, que sois credores dos vossos irmãos, tendes ofendido a vosso pai e lhe deveis muito mais do que vos devem. Se, portanto, quereis que para convosco use ele de misericórdia, sede misericordiosos. Se quereis que ele esqueça, esquecei. Repeti continuamente, no fundo dos vossos corações, esta sentença tão grande e que constitui a chave de todos os ensinamentos: "Não façais a outrem o que não desejaríeis que vos fizessem." Lembrai-vos sempre desta outra ainda mais extensa: "Fazei aos outros tudo o que quereíeis que vos fizessem."

Estas palavras encerram o amor fraterno com o máximo de devotamento.

Para fazer ressaltar a necessidade do perdão das ofensas e apontar, sob forma material, intencionalmente veladas, as conseqüências da falta ou da recusa do perdão, Jesus recorreu a uma parábola apropriada aos tempos e às inteligências, capaz de tocar e impressionar as massas populares.

"E o Senhor, irritado, disse ele, entregou o servo mau aos algozes, até que pagasse o que devia". E acrescentou: "assim também meu pai celestial fará convosco, se cada um de vós não perdoar do íntimo dalma a seu irmão".

Se não relevardes aos vossos irmãos suas dívidas, se fizerdes sobre eles cair o peso da vossa cólera, o peso de suas faltas, o Senhor, juiz reto, usará de represálias. A sua indulgência não se estenderá por sobre aquele que não tenha sabido

ser indulgente. Sim, a falta ou a recusa de perdão das ofensas é egoísmo, segura de coração, muitas vezes efeito do orgulho, vícios estes que são raízes fortes para o crescimento da carne. Esforçai-vos, pois, por arrancá-los. Eles constituem casos de expiação e de reencarnações e um obstáculo a que o Espírito saia dos mundos inferiores, o que só se dará quando se houver tornado capaz de perdoar sempre, incessantemente, do fundo dalma a seu irmão.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - CAPÍTULO X BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

Reconciliação com os adversários

5. Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão. - Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último centil. (S. MATEUS, cap. V, vv. 25 e 26.)

6. Na prática do perdão, como, em geral, na do bem, não há somente um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como sabemos, não nos livra dos nossos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no alémtúmulo, aqueles contra os quais guardam rancor; donde decorre a falsidade do provérbio que diz: “Morto o animal, morto o veneno”, quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que o outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e, assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses, ou nas suas mais caras afeições. Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão. O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre vítimas de uma vingança, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual o que a sofre deu lugar pelo seu proceder. Deus o permite, para os punir do mal que a seu turno praticaram, ou, se tal não ocorreu, por haverem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoando. Importa, conseqüentemente, do ponto de vista da tranqüilidade futura, que cada um repare, quanto antes, os agravos que haja causado ao seu próximo, que perdoe aos seus inimigos, a fim de que, antes que a morte lhe chegue, esteja apagado qualquer motivo de dissensão, toda causa fundada de ulterior animosidade. Por essa forma, de um inimigo encarniado neste mundo se pode fazer um amigo no outro; pelo menos, o que assim procede põe de seu lado o bom direito e Deus não consente que aquele que perdoou sofra qualquer vingança. Quando Jesus recomenda que nos reconciliemos o mais cedo possível com o nosso adversário, não é somente objetivando apaziguar as discórdias no curso da nossa atual existência; é, principalmente, para que elas se não perpetuem nas existências futuras. Não saireis de lá, da prisão, enquanto não houverdes pago até o último centavo, isto é, enquanto não houverdes satisfeito completamente a justiça de Deus.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - CAPÍTULO X BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

O sacrifício mais agradável a Deus

7. Se, portanto, quando fordes depor vossa oferenda no altar, vos lembrardes de que o vosso irmão tem qualquer coisa contra vós, - deixai a vossa dádiva junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão; depois, então, voltai a oferecê-la. - (S. MATEUS, cap. V, vv. 23 e 24.)

8. Quando diz: “Ide reconciliar-vos com o vosso irmão, antes de depordes a vossa oferenda no altar”, Jesus ensina que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o que o homem faça do seu próprio ressentimento; que, antes de se apresentar para ser por ele perdoado, precisa o homem haver perdoado e reparado o agravo que tenha feito a algum de seus irmãos. Só então a sua oferenda será bem aceita, porque virá de um coração expungido de todo e qualquer pensamento mau. Ele materializou o preceito, porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais; cumpria—lhe conformar suas palavras aos usos ainda em voga. O cristão não oferece dons materiais, pois que espiritualizou o sacrifício. Com isso, porém, o preceito ainda mais força ganha. Ele oferece sua alma a Deus e essa alma tem de ser purificada. *Entrando no templo do Senhor, deve ele deixar fora todo sentimento de ódio e de animosidade, todo mau pensamento contra seu irmão.* Só então os anjos levarão sua prece aos pés do Eterno. Eis aí o que ensina Jesus por estas palavras: “Deixai a vossa oferenda junto do altar e ide primeiro reconciliar-vos com o vosso irmão, se quiserdes ser agradável ao Senhor.”

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. V, v. 20-26 - LUCAS, Cap. XII, v. 54-59

Justiça abundante. - Palavra injuriosa. Reconciliação.

MATEUS: V. 20. Porque, eu vos digo que, se a vossa justiça não for mais abundante do que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus. - 21. Aprendestes o que foi dito aos antigos: "Não matarás e quem quer que mate será condenado no juízo." - 22. E eu vos digo que quem quer que se encha de cólera contra seu irmão será condenado no juízo; - que aquele que disser a seu irmão: Raca, será condenado no conselho; e quem disser: és um insensato, será condenado ao fogo da geena. - 23. Se pois, quando apresentares no altar a tua oferenda, te lembrares de que teu irmão tem qualquer coisa contra ti, - 24, deixa-a diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com ele; depois então vem fazer a tua oblata. - 25. Põe-te o mais depressa possível de acordo com o teu adversário, enquanto estás em caminho com ele, para não suceder que te entregue ao juiz, este ao ministro e que sejas metido na prisão. - 26. Em verdade te digo que daí não sairás enquanto não houveres pago até o último ceitil.

LUCAS: V. 54. E ele dizia ao povo: Assim vedes formar-se uma nuvem do lado do poente, dizeis: vem chuva e com efeito chove. - 55. Quando sopra vento do sul, dizeis que vai fazer calor e assim acontece. - 56. Hipócritas! Sabendo reconhecer o que pressagiam os aspectos do céu e da terra, como é que não reconheceis os tempos que correm? - 57. E porque, por vós mesmos, não reconheceis o que é justo? 58. Quando houveres de comparecer com o teu adversário perante o magistrado, trata de te livrares dele durante a viagem, para evitares que te leve ao juiz, que o juiz te entregue ao esbirro e que este te meta na prisão. - 59. Daí não sairás, eu te digo, enquanto não tiveres pago até o último ceitil.

N. 78. Estes versículos têm por objeto e por fim dar a compreender aos homens que lhes cumpre procurar distinguir sempre o que é justo, material e moralmente, nas relações com seus irmãos. Estava prestes a chegar o tempo em que a justiça seria praticada por maneira diversa da de que usavam os escribas e os fariseus: sem orgulho e sem hipocrisia. Os versículos acima objetivavam ainda dar a compreender aos homens como devem obedecer aos mandamentos que lhes vem do Senhor: não passivamente, abstenendo-se de cometer as faltas indicadas, pelo temor do castigo, mas praticando todas as virtudes que lhes são opostas demonstrando amor, reconhecimento, submissão àquele que nos traçou a todos uma linha de conduta para chegarmos a ele. Bem-aventurados os que a sabem seguir sem desvio algum.

Raca, - o juízo, - o conselho, - o fogo da geena - são expressões simbólicas. Deus julga o homem pelos seus atos. Se o homem não trata com indulgência, com brandura, o seu próximo, se o insulta, será punido por aquele que quer que todos se tratem como irmãos. As palavras - conselho, geena - são termos emblemáticos, destinados a tornar compreensível aos homens que as suas ações serão submetidas a um julgamento, que eles terão de sofrer o castigo que houverem merecido, castigo esse apropriado e proporcionado à falta cometida e acorde com a natureza e o grau da culpabilidade.

As palavras de Jesus constantes do v. 22 de Mateus são aplicáveis a todos os tempos e a todos os que infringirem a lei de amor universal. Certamente o espírita que a infringir será punido com maior severidade do que outro que ainda não viu a luz ou que, tendo-a visto, não ousou aceitá-la por escrúpulos de consciência, o que não constitui falta punível, ocasionando apenas um retardamento no progresso do Espírito, que aliás se verá suficientemente castigado pelo pesar que isso lhe causará.

As dos v. 23 e 24 de Mateus indicam, primeiramente, ao homem que deve usar de indulgência para com aquele que o ofendeu, indo estender-lhe a mão, a fim de o chamar a si. Indicam, em seguida, ao que cometeu uma falta, o dever de imediatamente procurar repará-la.

Fazei, portanto, o que o divino Mestre fez e faz todos os dias. Efetivamente, ele não vem a vós sem cessar, ele que em tudo é tão gravemente ofendido? Não estende continuamente os braços para vos receber? Não vos convida ao arrependimento por todos os meios possíveis? E não vedes muitas vezes multiplicarem-se seus benefícios a um que vos parece o mais indigno deles, unicamente com o fim de despertar o reconhecimento num coração ingrato e conquistá-lo?

Quanto às palavras do v. 25 do mesmo Evangelista, elas compõem imagens materiais destinadas a fazer que o homem compreenda a maneira por que deve proceder com seus irmãos, tendo em vista o juízo de Deus. Dai-vos pressa em perdoar aos vossos inimigos, em vos reconciliar com o vosso adversário, enquanto juntos percorreis, vós e ele, o caminho da vida, pois ignorais quando a morte vos virá deter os passos, para levar-vos à presença do soberano juiz, que lê nos corações e muitas vezes encontra aí o fermento de paixões más que não procurais descobrir. Reconciliai-vos, pois, com todos a quem houverdes ofendido e perdoai-lhes, como quereis, como precisais que o Pai celestial vos perdoe.

Disse Jesus: "Daí não sairás, enquanto não tiveres pago até o último ceitil". Deveis compreender bem estas palavras. O homem é o devedor de Deus, que lhe outorgou todas as coisas, para que delas fizesse bom uso. Ora, se o homem não pratica as virtudes que lhe são ensinadas, se repele seus irmãos, também será repellido. É uma consequência da lei de justiça e de amor na obra da eterna harmonia.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - CAPÍTULO X BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

O argueiro e a trave no olho

9. Como é que vedes um argueiro no olho do vosso irmão, quando não vedes uma trave no vosso olho? - Ou, como é que dizeis ao vosso irmão: Deixa-me tirar um argueiro ao teu olho, vós que tendes no vosso uma trave? - Hipócritas, tirai primeiro a trave ao vosso olho e depois, então, vede como podereis tirar o argueiro do olho do vosso irmão. (S. MATEUS, cap. VII, vv. 3 a 5.)

10. Uma das insensatezes da Humanidade consiste em vermos o mal de outrem, antes de vermos o mal que está em nós. Para julgar-se a si mesmo, fora preciso que o homem pudesse ver seu interior num espelho, pudesse, de certo modo, transportar-se para fora de si próprio, considerar-se como outra pessoa e perguntar: Que pensaria eu, se visse alguém fazer o que faço? Incontestavelmente, é o orgulho que induz o homem a dissimular, para si mesmo, os seus defeitos, tanto morais, quanto físicos. Semelhante insensatez é essencialmente contrária à caridade, porquanto a verdadeira caridade é modesta, simples e indulgente. Caridade orgulhosa é um contrasenso, visto que esses dois sentimentos se neutralizam um ao outro. Com efeito, como poderá um homem, bastante presunçoso para acreditar na importância da sua personalidade e na supremacia das suas qualidades, possuir ao mesmo tempo abnegação bastante para fazer ressaltar em outrem o bem que o eclipsaria, em vez do mal que o exalçaria? Por isso mesmo, porque é o pai de muitos vícios, o orgulho é também a negação de muitas virtudes. Ele se encontra na base e como móvel de quase todas as ações humanas. Essa a razão por que Jesus se empenhou tanto em combatê-lo, como principal obstáculo ao progresso.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - CAPÍTULO X BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

**Não julgueis, para não serdes julgados.
- Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado**

11. Não julgueis, a fim de não serdes julgados; - porquanto sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; empregar-se-á convosco a mesma medida de que voz tendes servido para com os outros. (S. MATEUS, cap. VII, vv. 1 e 2.)

12. Então, os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher que fora surpreendida em adultério e, pondo-a de pé no meio do povo, - disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério; - ora, Moisés, pela lei, ordena que se lapidem as adúlteras. Qual sobre isso a tua opinião?” - Diziam isto para o tentarem e terem de que o acusar. Jesus, porém, abaixando-se, entrou a escrever na terra com o dedo. - Como continuassem a interrogá-lo, ele se levantou e disse: “Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra.” - Em seguida, abaixando-se de novo, continuou a escrever no chão. - Quanto aos que o interrogavam, esses, ouvindo-o falar daquele modo, se retiraram, um após outro, afastando-se primeiro os velhos. Ficou, pois, Jesus a sós com a mulher, colocada no meio da praça.

Então, levantando-se, perguntou-lhe Jesus: “Mulher, onde estão os que te acusaram? Ninguém te condenou?” - Ela respondeu: “Não, Senhor.” Disse-lhe Jesus: “Também eu não te condenarei. Vai-te e de futuro não tornes a pecar.” (S. JOÃO, cap. VIII, vv. 3 a 11.)

13. “Atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado”, disse Jesus. Essa sentença faz da indulgência um dever para nós outros, porque ninguém há que não necessite, para si próprio, de indulgência. Ela nos ensina que não devemos julgar com mais severidade os outros, do que nos julgamos a nós mesmos, nem condenar em outrem aquilo de que nos absolvemos. Antes de profligarmos a alguém uma falta, vejamos se a mesma censura não nos pode ser feita.

O reproche lançado à conduta de outrem pode obedecer a dois móveis: reprimir o mal, ou desacreditar a pessoa cujos atos se criticam. Não tem escusa nunca este último propósito, porquanto, no caso, então, só há maledicência e maldade. O primeiro pode ser louvável e constitui mesmo, em certas ocasiões, um dever, porque um bem deverá daí resultar, e porque, a não ser assim, jamais, na sociedade, se reprimiria o mal. Não cumpre, aliás, ao homem auxiliar o progresso do seu semelhante? Importa, pois, não se tome em sentido absoluto este princípio: “Não julgueis se não quiserdes ser julgado”, porquanto a letra mata e o espírito vivifica.

Não é possível que Jesus haja proibido se profliguesse o mal, uma vez que ele próprio nos deu o exemplo, tendo-o feito, até, em termos enérgicos. O que quis significar é que a autoridade para censurar está na razão direta da autoridade moral daquele que censura. Tornar-se alguém culpado daquilo que condena noutrem é abdicar dessa autoridade, é privar-se do direito de repressão. A consciência íntima, ao demais, nega respeito e submissão voluntária àquele que, investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios de cuja aplicação lhe cabe o encargo. *Aos olhos de Deus, uma única autoridade legítima existe: a que se apóia no exemplo que dá do bem.* E o que, igualmente, ressalta das palavras de Jesus.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Perdão das ofensas

14. Quantas vezes perdoarei a meu irmão? Perdoar-lhe-eis, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Aí tendes um dos ensinamentos de Jesus que mais vos devem percutir a inteligência e mais alto falar ao coração. Confrontai essas palavras de misericórdia com a oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações, que ensinou a seus discípulos, e o mesmo pensamento se vos deparará sempre. Ele, o justo por excelência, responde a Pedro: perdoarás, mas ilimitadamente; perdoarás cada ofensa tantas vezes quantas ela te for feita; ensinarás a teus irmãos esse esquecimento de si mesmo, que torna uma criatura invulnerável ao ataque, aos maus procedimentos e às injúrias; serás brando e humilde de coração, sem medir a tua mansuetude; farás, enfim, o que desejas que o Pai celestial por ti faça. Não está ele a te perdoar freqüentemente? Conta porventura as vezes que o seu perdão desce a te apagar as faltas?

Prestai, pois, ouvidos a essa resposta de Jesus e, como Pedro, aplicai-a a vós mesmos. Perdoai, usai de indulgência, sede caridosos, generosos, pródigos até do vosso amor. Dai, que o Senhor vos restituirá; perdoai, que o Senhor vos perdoará; abaixai-vos, que o Senhor vos elevará; humilhai-vos, que o Senhor fará vos assenteis à sua direita.

Ide, meus bem-amados, estudai e comentai estas palavras que vos dirijo da parte d'Aquele que, do alto dos esplendores celestes, vos tem sempre sob as suas vistas e prossegue com amor na tarefa ingrata a que deu começo, faz dezoito séculos. Perdoai aos vossos irmãos, como precisais que se vos perdoe. Se seus atos pessoalmente vos prejudicaram, mais um motivo aí tendes para serdes indulgentes, porquanto o mérito do perdão é proporcionado à gravidade do mal. Nenhum merecimento teríeis em relevar os agravos dos vossos irmãos, desde que não passassem de simples arranhões.

Espíritas, jamais vos esqueçais de que, tanto por palavras, como por atos, o perdão das injúrias não deve ser um termo vão. Pois que vos dizeis espíritas, sede-o. Olvidai o mal que vos hajam feito e não penseis senão numa coisa: no bem que podeis fazer. Aquele que enveredou por esse caminho não tem que se afastar daí, ainda que

por pensamento, uma vez que sois responsáveis pelos vossos pensamentos, os quais todos Deus conhece. Cuidai, portanto, de os expungir de todo sentimento de rancor. Deus sabe o que demora no fundo do coração de cada um de seus filhos. *Feliz, pois, daquele que pode todas as noites adormecer, dizendo: Nada tenho contra o meu próximo. Simeão.* (Bordéus, 1862.)

15. Perdoar aos inimigos é pedir perdão para si próprio; perdoar aos amigos é dar-lhes uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar-se melhor do que era. Perdoai, pois, meus amigos, a fim de que Deus vos perdoe, porquanto, se fordes duros, exigentes, inflexíveis, se usardes de rigor até por uma ofensa leve, como quereis que Deus esqueça de que cada dia maior necessidade tendes de indulgência? Oh! ai daquele que diz: “Nunca perdoarei”, pois pronuncia a sua própria condenação. Quem sabe, aliás, se, descendo ao fundo de vós mesmos, não reconhecereis que fostes o agressor? Quem sabe se, nessa luta que começa por uma alfinetada e acaba por uma ruptura, não fostes quem atirou o primeiro golpe, se vos não escapou alguma palavra injuriosa, se não procedestes com toda a moderação necessária? Sem dúvida, o vosso adversário andou mal em se mostrar excessivamente suscetível; razão de mais para serdes indulgentes e para não vos tomardes merecedores da invectiva que lhe lançastes. Admitamos que, em dada circunstância, fostes realmente ofendido: quem dirá que não envenenastes as coisas por meio de represálias e que não fizestes degenerasse em querela grave o que houvera podido cair facilmente no olvido? Se de vós dependia impedir as conseqüências do fato e não as impedistes, sois culpados. Admitamos, finalmente, que de nenhuma censura vos reconheceis merecedores: mostrai-vos clementes e com isso só fareis que o vosso mérito cresça.

Mas, há duas maneiras bem diferentes de perdoar: há o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muitas pessoas dizem, com referência ao seu adversário: “Eu lhe perdô”, mas, interiormente, alegam-se com o mal que lhe advém, comentando que ele tem o que merece. Quantos não dizem: “Perdô” e acrescentam. “mas, não me reconciliarei nunca; não quero tornar a vê-lo em toda a minha vida.” Será esse o perdão, segundo o Evangelho? Não; o perdão verdadeiro, o perdão cristão é aquele que lança um véu sobre o passado; esse o único que vos será levado em conta, visto que Deus não se satisfaz com as aparências. Ele sonda o recesso do coração e os mais secretos pensamentos. Ninguém se lhe impõe por meio de vãs palavras e de simulacros. O esquecimento completo e absoluto das ofensas é peculiar às grandes almas; o rancor é sempre sinal de baixeza e de inferioridade. Não olvideis que o verdadeiro perdão se reconhece muito mais pelos atos do que pelas palavras. - *Paulo*, apóstolo. (Lião, 1861.)

A Indulgência

16. Espíritas, queremos falar-vos hoje da indulgência, sentimento doce e fraternal que todo homem deve alimentar para com seus irmãos, mas do qual bem poucos fazem uso.

A indulgência não vê os defeitos de outrem, ou, se os vê, evita falar deles, divulgá-los. Ao contrário, oculta-os, a fim de que se não tornem conhecidos senão dela unicamente, e, se a malevolência os descobre, tem sempre pronta uma escusa para eles, escusa plausível, séria, não das que, com aparência de atenuar a falta, mais a evidenciam com pérfida intenção.

A indulgência jamais se ocupa com os maus atos de outrem, a menos que seja para prestar um serviço; mas, mesmo neste caso, tem o cuidado de os atenuar tanto quanto possível. Não faz observações chocantes, não tem nos lábios censuras; apenas conselhos e, as mais das vezes, velados. Quando criticais, que consequência se há de tirar das vossas palavras? A de que não tereis feito o que reprovais, visto que estais a censurar; que valeis mais do que o culpado. O homens! quando será que julgareis os vossos próprios corações, os vossos próprios pensamentos, os vossos próprios atos, sem vos ocupardes com o que fazem vossos irmãos? Quando só tereis olhares severos sobre vós mesmos?

Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros. Lembrai-vos daquele que julga em última instância, que vê os pensamentos íntimos de cada coração e que, por conseguinte, desculpa muitas vezes as faltas que censurais, ou condena o que relevais, porque conhece o móvel de todos os atos. Lembrai-vos de que vós, que clamaís em altas vozes: anátema! tereis, quiçá, cometido faltas mais graves.

Sede indulgentes, meus amigos, porquanto a indulgência atrai, acalma, ergue, ao passo que o rigor desanima, afasta e irrita. - José, Espírito protetor. (Bordéus, 1863.)

17. Sede indulgentes com as faltas alheias, quaisquer que elas sejam; não julgueis com severidade senão as vossas próprias ações e o Senhor usará de indulgência para convosco, como de indulgência houverdes usado para com os outros.

Sustentai os fortes: animai-os à perseverança. Fortalecei os fracos, mostrando-lhes a bondade de Deus, que leva em conta o menor arrependimento; mostrai a todos o anjo da penitência estendendo suas brancas asas sobre as faltas dos humanos e velando-as assim aos olhares daquele que não pode tolerar o que é impuro. Compreendei todos a misericórdia infinita de vosso Pai e não esqueçais nunca de lhe dizer, pelos pensamentos, mas, sobretudo, pelos atos: “Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos hão ofendido.” Compreendei bem o valor destas sublimes palavras, nas quais não somente a letra é admirável, mas principalmente o ensino que ela veste.

Que é o que pedis ao Senhor, quando implorais para vós o seu perdão? Será unicamente o olvido das vossas ofensas? Olvido que vos deixaria no nada, porquanto, se Deus se limitasse a esquecer as vossas faltas, Ele não puniria, é exato, *mas tampouco recompensaria*. A recompensa não pode constituir prêmio do bem que não foi feito, nem, ainda menos, do mal que se haja praticado, embora esse mal fosse esquecido. Pedindo-lhe que perdoe os vossos desvios, o que lhe pedis é o favor de suas graças, para não reincirdes neles, é a força de que necessitais para enveredar por outras sendas, as da submissão e do amor, nas quais podereis juntar ao arrependimento a

reparação.

Quando perdoardes aos vossos irmãos, não vos contenteis com o estender o véu do esquecimento sobre suas faltas, porquanto, as mais das vezes, muito transparente é esse véu para os olhares vossos. Levai-lhes simultaneamente, com o perdão, o amor; fazei por eles o que pediríeis fizesse o vosso Pai celestial por vós. Substitui a cólera que conspurca, pelo amor que purifica. Pregai, exemplificando, essa caridade ativa, infatigável, que Jesus vos ensinou; pregai-a, como ele o fez durante todo o tempo em que esteve na Terra, visível aos olhos corporais e como ainda a prega incessantemente, desde que se tornou visível tão somente aos olhos do Espírito. Segui esse modelo divino; caminhai em suas pegadas; elas vos conduzirão ao refúgio onde encontrareis o repouso após a luta. Como ele, carregai todos vós as vossas cruces e subi penosamente, mas com coragem, o vosso calvário, em cujo cimo está a glorificação. - *João*, bispo de Bordéus. (1862.)

18. Caros amigos, sede severos convosco, indulgentes para as fraquezas dos outros. E esta uma prática da santa caridade, que bem poucas pessoas observam. Todos vós tendes maus pendores a vencer, defeitos a corrigir, hábitos a modificar; todos tendes um fardo mais ou menos pesado a alijar, para poderdes galgar o cume da montanha do progresso. Por que, então, haveis de mostrar-vos tão clarividentes com relação ao próximo e tão cegos com relação a vós mesmos? Quando deixareis de perceber, nos olhos de vossos irmãos, o pequenino argueiro que os incomoda, sem atentardes na trave que, nos vossos olhos, vos cega, fazendo-vos ir de queda em queda? Crede nos vossos irmãos, os Espíritos. Todo homem, bastante orgulhoso para se julgar superior, em virtude e mérito, aos seus irmãos encarnados, é insensato e culpado: Deus o castigará no dia da sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em ver cada um apenas superficialmente os defeitos de outrem e esforçar-se por fazer que prevaleça o que há nele de bom e virtuoso, porquanto, embora o coração humano seja um abismo de corrupção, sempre há, nalgumas de suas dobras mais ocultas, o gérmen de bons sentimentos, centelha vivaz da essência espiritual.

Espiritismo! doutrina consoladora e bendita! felizes dos que te conhecem e tiram proveito dos salutarens ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para esses, iluminado está o caminho, ao longo do qual podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de chegarem ao termo da jornada: caridade prática, caridade do coração, caridade para com o próximo, como para si mesmo; numa palavra: caridade para com todos e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor a Deus resume todos os deveres e porque impossível é amar realmente a Deus, sem praticar a caridade, da qual fez ele uma lei para todas as criaturas. - *Dufêtre*, bispo de Nevers. (Bordéus.)

É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal de outrem?

19. *Ninguém sendo perfeito, seguir-se-á que ninguém tem o direito de repreen-*

der o seu próximo?

Certamente que não é essa a conclusão a tirar-se, porquanto cada um de vós deve trabalhar pelo progresso de todos e, sobretudo, daqueles cuja tutela vos foi confiada. Mas, por isso mesmo, deveis fazê-lo com moderação, para um fim útil, e não, como as mais das vezes, pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a repreensão é uma maldade; no primeiro, é um dever que a caridade manda seja cumprido com todo o cuidado possível. Ao demais, a censura que alguém faça a outrem deve ao mesmo tempo dirigi-la a si próprio, procurando saber se não a terá merecido. - S. *Luís*. (Paris, 1860.)

20. *Será repreensível notarem-se as imperfeições dos outros, quando daí nenhum proveito possa resultar para eles, uma vez que não sejam divulgadas?*

Tudo depende da intenção. Decerto, a ninguém é defeso ver o mal, quando ele existe. Fora mesmo inconveniente ver em toda a parte só o bem. Semelhante ilusão prejudicaria o progresso. O erro está no fazer-se que a observação redunde em detrimento do próximo, desacreditando-o, sem necessidade, na opinião geral. Igualmente repreensível seria fazê-lo alguém apenas para dar expansão a um sentimento de malevolência e à satisfação de apanhar os outros em falta. Dá-se inteiramente o contrário quando, estendendo sobre o mal um véu, para que o público não o veja, aquele que note os defeitos do próximo o faça em seu proveito pessoal, isto é, para se exercitar em evitar o que reprova nos outros. Essa observação, em suma, não é proveitosa ao moralista? Como pintaria ele os defeitos humanos, se não estudasse os modelos? - S. *Luís*. (Paris, 1860.)

21. *Haverá casos em que convenha se desvende o mal de outrem?*

É muito delicada esta questão e, para resolvê-la, necessário se toma apelar para a caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só a ela prejudicam, nenhuma utilidade haverá nunca em divulgá-la. Se, porém, podem acarretar prejuízo a terceiros, deve-se atender de preferência ao interesse do maior número. Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode constituir um dever, pois mais vale caia um homem, do que virem muitos a ser suas vítimas. Em tal caso, deve-se pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes. - *São Luís*. (Paris, 1860.)

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. VII, v. 1-6. MARCOS, Cap. IV, v. 24.
LUCAS, Cap. VI, v. 37-38, 41-42

Não julgar os outros. - O argueiro e a trave. - Não dar aos cães as coisas santas

MATEUS: V. 1. Não julgueis, a fim de não serdes julgados; - 2, porquanto sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; com a medida com que medirdes sereis medidos, - 3, Como é que vês um argueiro no olho do teu irmão e não percebes a trave no teu? - 4, Ou como é que dizes a teu irmão: - 5, Deixa-me tirar um argueiro do teu olho, quando tens no teu uma trave? - 6. Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás como podes tirar o argueiro do olho do teu irmão. - 6. Não deis aos cães as coisas santas, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não suceda que as pisem, se voltem contra vós e vos estraçalhem.

MARCOS:V, 24. Dizia-lhes: Atentai no que ides ouvir: Sereis medido com a mesma medida com que medirdes os outros e ainda se vos acrescentará.

LUCAS: V. 37, Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados, perdoai e sereis perdoados; - 38, dai e se vos dará e no vosso regaço será derramada uma boa medida, cheia, atestada, a extravasar; porquanto, para vos medir servirá a mesma medida com que houverdes medido os outros, - 41. Como é que vês o argueiro que está no olho do teu irmão e não percebes a trave que está no teu olho? - 42. Ou, como é que podes disser a teu irmão: Meu irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho, tu que não vês a trave que está no teu? Hipócrita, tira primeiramente a trave que está no teu olho e então verás como tirar o argueiro que está no olho do teu irmão.

N. 97. O ensino que resulta destas palavras de Jesus facilmente se apreende e não demanda desenvolvidos comentários.

Penetre o homem no seu íntimo, antes de proferir juízo sobre seus irmãos; faça exame de consciência; compenetre-se do seu próprio valor; inquiria de si mesmo o que responderia se houvesse de ir à presença do juiz; e a sua indignidade lhe mostrará a indulgência de que deve usar com seus irmãos. Lembre-se destas palavras e as ponha em prática. "Perdoai-nos como nós perdoamos".

"ATENTAI no que ides ouvir. Sereis medidos com a mesma medida com que medirdes os outros. E ainda se vos acrescentará".

Jesus, dirigindo estas palavras a seus discípulos e a todos os homens, os exortava a se instruírem, a não julgarem levianamente. Quem for ignorante e quiser julgar

seus irmãos procederá sempre com severidade, por não compreender a causa dos atos destes e não ser capaz de os pesar. Ora, aquele que julgar com severidade, do mesmo modo será julgado.

"E ainda se vos acrescentará" querem dizer: quanto mais esforços fizerdes para vos aproximar do Mestre, tanto mais o Mestre se dignará de descer até vós. Elas não se ligam às que as precedem. Não se ligam significando que aquele que houvesse julgado severamente seus irmãos seria por sua vez julgado com severidade maior do que a de que usara, não. Não foi para exprimir esse pensamento que Jesus as pronunciou. Sereis medidos, isto é, julgados, pela maneira por que houverdes julgado os vossos irmãos, mas também graças vos serão concedidas em relação com os esforços que houverdes feito para merecê-las. Elas só se referem às graças que o homem pode merecer ou não, conforme aos esforços que faça para alcançá-las, ou à negligência que ponha em progredir.

Deveis ser caridosos; deveis perdoar aos vossos irmãos as ofensas que vos tenham feito, como pedis que sejam perdoadas as vossas.

Se, pois, não perdoardes, se não usardes de indulgência para com os vossos irmãos, como podeis esperar que vosso pai que está nos céus use de indulgência para convosco? Tê-la-eis merecido? Não tereis transgredido suas leis? Não vos terá faltado a caridade e o amor que sem cessar vos pregamos e que constituem a base única sobre que podeis edificar?

Perdoai, portanto, se quiserdes ser perdoados; não julgueis os vossos irmãos, porque também haveis de ser julgados por um juiz íntegro que lê no fundo dos corações e vê todas as paixões miseráveis que aí se agitam. Não julgueis o vosso irmão, vós que não vedes mais que a superfície, porquanto, se a superfície nele vos parece turbada, o fundo pode estar puro aos olhos de Deus, ao passo que, em vós, talvez esteja impuro.

Tira primeiramente a trave do teu olho e então verás como tirar o argueiro do olho de teu irmão."

Começai por expurgar as vossas almas de todos os vícios, de todos os maus instintos que as devoram; tomai os vossos corações puros aos olhos de Deus. Depois então, quando fordes perfeitos, podereis censurar. Podereis, mas não o fareis, porque a perfeição das vossas almas vos terá aproximado daquele que, perfeição completa, disse: "Atire a primeira pedra o que dentre vós estiver sem pecado" e que, isento de qualquer pecado, acrescentou: "Vai e não peques mais".

"Não deis aos cães as coisas santas e não lanceis vossas pérolas aos porcos, para que não aconteça que, depois de as pisarem, vos estraçalhem".

Compenetrai-vos bastante, em espírito e verdade, dessas palavras que Jesus dirigiu aos que então eram seus discípulos e aos que seriam no futuro e da aplicação que deveriam ter, no tocante ao ensino e à propagação da palavra evangélica, e que devem ter na época presente da nova revelação.

As circunstâncias em que vos achardes, o meio em que falardes é que vos

deverão inspirar a conduta a seguir. Sondai o terreno, preparai-o e, se descobirdes um sinal de fertilidade, por menor que seja, lançai a semente com prudência e precaução. Depois, cultivai-a cuidadosamente, auxiliando-lhe o desenvolvimento. Se, ao contrário, o terreno vos parecer árido e ingrato, encerrai-vos no silêncio. Dai a compreender que não quereis falar. A recusa, em tal caso, excita a curiosidade em certas naturezas e pode desenvolver o desejo de saber. Se isto suceder, devotai-vos à obra e consagrai-vos aos que a princípio vos repeliram. Estendei os braços às ovelhas desgarradas, ide em socorro das que estiverem perdidas, reconduzi ao Senhor o pequeno rebanho que conseguirdes reunir. O Mestre recompensa generosamente os obreiros vigilantes. A fortuna de haverdes salvo irmãos vossos da incredulidade, do desânimo, da negação, vos recompensará para entrar nas alegrias da eternidade.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO IV

CAPÍTULO VIII

Vv. 1-11

A mulher adúltera

V. 1. Quanto a Jesus, foi para o monte das Oliveiras. — 2. Mas, ao romper do dia, voltou ao templo e todo o povo veio ter com ele que, sentando-se, entrou a ensiná-lo. — 3. Então os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher, que fora apanhada em adultério, e a puseram no meio de toda a gente. — 4. E disseram a Jesus: Mestre, esta mulher acaba de ser apanhada em adultério; — 5, e Moisés, na lei, mandou que as adúlteras sejam apedrejadas; tu, que dizes? — 6. Diziam-lhe isso, experimentando-o, para terem de que o acusar. Jesus, porém, abaixando-se, pôs-se a escrever no chão com o dedo. — 7. Como insistissem na pergunta, ele se levantou e lhes disse: Seja o primeiro a lhe atirar pedra aquele de vós que estiver sem pecado. — 8. E, tornando a abaixar-se, continuou a escrever na terra. — 9. Os que o interrogavam, ao lhe ouvirem a resposta, se foram retirando um a um, a começar pelos mais velhos, acabando por ficarem sós Jesus e a mulher, esta no lugar onde a tinham colocado. — 10. Jesus se ergueu e lhe perguntou: Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou? — 11. Respondeu ela: Não, Senhor. Disse-lhe então Jesus: Nem eu tampouco te condenarei. Vai e daqui por diante não peques mais.

N. 26. A estas palavras dos fariseus: “Mestre, esta mulher acaba de ser apanhada em adultério e Moisés, na lei, mandou que as adúlteras sejam apedrejadas: tu, que dizes?”, Jesus, sem responder, se abaixa e põe-se a escrever no chão com o dedo. Como insistissem na pergunta, ele se levanta e diz: “Seja o primeiro a lhe atirar pedra aquele dentre vós que estiver sem pecado.” Em seguida, abaixa-se de novo e continua a escrever no chão.

Assim, pois, Jesus se abaixou duas vezes. Fê-lo para dar tempo, aos que o cercavam, de refletirem, evitando que a sua presença os intimidasse ou levasse a tomar uma resolução sem a plena consciência do que faziam.

Estamos pelo Mestre encarregados de vos dizer o que foi que escreveu no chão, das duas vezes que se abaixou. As palavras que então traçou encerram e resumem todo o ensinamento que objetivou dar aos homens.

Da primeira vez, respondendo à pergunta que lhe dirigiram, escreveu: “*Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam.*”

Da segunda, depois de lhes haver dito: “Seja o primeiro a lhe atirar pedra aquele dentre vós que estiver sem pecado”, escreveu: “Quando quiseres julgar teu irmão, volve o olhar para dentro de ti mesmo, sonda o teu coração e interroga a tua consciência.”

Sim, o homem, que inspeciona o seu íntimo, que sonda o seu coração e interroga

a sua consciência, não atira pedra contra seu irmão, porque se reconhece pecador como este e sente que lhe cumpre perdoar para ser perdoado. Abstém-se de fazer aos outros o que não quereria que lhe fizessem.

O que Jesus disse à adúltera vale, para os homens, por uma lição e um exemplo de misericórdia e de perdão, que eles devem reciprocamente praticar. Adverte-os também de que todos devem esforçar-se por não recair nas faltas já cometidas.